

O caso *kettlebell* e outros mais: discussão de opções de tradução sob o enfoque funcionalista

Márcia dos Santos Dornelles*

Resumo: O intuito deste trabalho é compartilhar algumas experiências tradutórias e suscitar o debate em torno das dificuldades e da eficácia das soluções encontradas. Como fundamentação teórica, revisita alguns conceitos básicos da área da Tradutologia – tais como tradução, competência tradutória, fidelidade, equivalência, funções textuais e unidade de tradução funcional –, que são ilustrados com exemplos reais de tradução, alguns deles pessoais.

Palavras-chave: Tradutologia, Tradução funcional, Competência tradutória, *Kettlebell*.

Abstract: The purpose of this study is to share experiences in translation and to open up a discussion around the difficulties and the effectiveness of the solutions found. As a theoretical basis, the paper revisits some basic concepts from the field of Translation Studies – such as translation, translation competence, fidelity, equivalence, text functions, and functional unit of translation – which are illustrated with real examples of translation, some of them personal.

Keywords: Translation studies, Functional translation, Translation competence, *Kettlebell*.

Introdução

Certa vez, passeando no *shopping*, encontro dois conhecidos, professores de Educação Física. Conversa vai, conversa vem, sabendo que sou tradutora, um deles comenta: “Cara, eu tenho um livro sobre *Personal Training*, e traduziram *kettlebell* como ‘estribo’, meu! Estribo!” Detalhe: um dos tradutores do livro era eu, mas ele não sabia ou não recordava. Então, para poupá-lo de um constrangimento ainda maior do que o meu, só tive coragem de dizer: “É, eu vi... mas qual é a tradução?” Ambos responderam, entre olhares e risos: “*Kettlebell* é *kettlebell*: não tem tradução”.

Para discutir esses e outros casos que considerei de difícil tradução, primeiramente revisito neste trabalho alguns conceitos básicos da área da Tradutologia envolvidos nas decisões tomadas. Assim, a própria

* Mestranda em Teorias Linguísticas do Léxico na UFRGS; marcia@esef.ufrgs.br.

concepção de tradução e outras noções – como competência tradutória, fidelidade, equivalência, funções textuais e unidade de tradução funcional – são brevemente revisadas e ilustradas com exemplos reais de traduções, alguns deles pessoais. A ideia aqui é compartilhar experiências tradutórias e suscitar o debate em torno das dificuldades e da eficácia das soluções encontradas.

A propósito, para que serve a teoria?

Antes de entrar na fundamentação teórica que embasa a discussão aqui proposta, vale destacar a importância das teorias de tradução na prática tradutória. Pym (2011: 13), remontando a origem da palavra *teoria*, afirma que tanto *teoria* como *teatro* vêm do grego *theā*. Assim, teorizar a solução para um problema significa “actuar en el teatro de las ideas”, prática contínua e habitual dos tradutores. Segundo o autor (p. 13-14), essa é uma “actividad privada, íntima, secreta: los traductores no suelen confesar sus dudas personales”.

De fato, no caso narrado na Introdução, senti, naquele momento, um misto de indignação e pudor. Indignação pelo fato de aquele leitor criticar sem conhecer todo o processo envolvido na decisão tomada; sem, provavelmente, ter lido a nota de tradução redigida (Fig. 5); e pelo que interpretei como resistência em aceitar o equivalente proposto para *kettlebell* que até hoje permanece “sem tradução”, ou pelo menos nenhum equivalente se consagrou, passados cinco anos da publicação daquele livro (CHANDLER & BROWN, 2009). Já o pudor nasceu justamente do medo de revelar minhas justificativas e estratégias de tradução e ser incompreendida. Esse sentimento falou mais alto e me calou.

Assim, cotejar teoria e prática tradutórias neste estudo é uma oportunidade de rever as estratégias adotadas e a solução encontrada naquele caso. De acordo com Pym (2011: 14), “Este teorizar empieza a hacerse público cuando los traductores comentan su trabajo, cuando teorizan en voz alta, ocasionalmente cuando hablan con otros traductores o con clientes, a veces con compañeros de estudios o profesores, y a menudo consigo mismos”. Foi o que fiz na época com os demais tradutores da obra, também há pouco com meus colegas de estudo, e o que me proponho a fazer agora, com o necessário distanciamento temporal e emocional.

Pym (2011: 13) sublinha que “formular las opciones (*generar* posibles traducciones) y elegir entre ellas (*seleccionar* una traducción definitiva) es una operación difícil y compleja”. Nesse sentido, as teorias de tradução, aplicadas ao contexto comunicativo, exercem um papel fundamental. De acordo com o autor (p. 18-19), elas são úteis para

- ajudar a enfrentar problemas para os quais inexitem soluções estabelecidas;
- suscitar perguntas produtivas e proporcionar respostas não óbvias;
- atuar como agentes de mudança, especialmente quando deslocadas de uma cultura profissional a outra ou quando formuladas com o fim de pôr à prova o pensamento endêmico;
- ajudar o tradutor a melhorar sua autoimagem profissional e, assim, transformar o trabalho linguístico numa carreira gratificante;
- oferecer recursos para defender as posturas adotadas e permitir a descoberta de outras possíveis.

Também Reiss (2009) aponta que o conhecimento da teoria auxilia os tradutores profissionais a:

- encontrar soluções racionais para os problemas encontrados;
- construir argumentos para defender as soluções;
- estabelecer os princípios ou critérios aplicados na tradução.

Em suma, em conformidade com Pym (2011: 19),

conocer diversas teorías puede abrir la mente del traductor a una más amplia gama de posibles soluciones. A la hora de seleccionar, las teorías también pueden proporcionar una serie de razones para elegir una solución y descartar otras, así como para defender dicha solución cuando sea necesario.

Assim, Pym (2011) defende não a adoção de uma única teoria, mas sim as vantagens práticas de se ter uma pluralidade de “paradigmas”, entendidos como “conjuntos e princípios que subjazem a diferentes grupos de teorias” (p. 16). Em conformidade com o autor, “existen muchas maneras de abordar la traducción, y todas ellas pueden resultar útiles o estimulantes en un momento dado” (p. 18).

Ressaltada a importância das teorias para a prática tradutória, cumpre esclarecer a concepção de tradução aqui adotada.

O que se entende por tradução

Como bem se sabe, são diversas as concepções de tradução entre os teóricos. Basicamente, a tradução é concebida como produto (estático) e/ou como processo (dinâmico). Limito-me aqui a apresentar o conceito de Hurtado Albir (2008), adotado neste estudo em virtude de sua abrangência, complexidade e multidimensionalidade. Segundo a autora, “la traducción es una habilidad, un *saber hacer* que consiste en saber recorrer el proceso

traductor, sabiendo resolver los problemas de traducción que se plantean en cada caso” (p. 25). O saber traduzir é, então, qualificado como um conhecimento essencialmente operativo, e como tal se adquire fundamentalmente pela prática (p. 25).

Como características essenciais da tradução, Hurtado Albir (2008: 40) refere “ser un acto de comunicación, una operación entre textos (y no entre lenguas) y un proceso mental”. Enquanto ato de comunicação complexo, o tradutor tem o papel de mediador linguístico-cultural entre um texto e um (público) destinatário; assim ele deve considerar, em primeiro lugar, a finalidade ou intencionalidade do texto, a situação comunicativa, as peculiaridades das línguas, as necessidades dos destinatários e o encargo da tradução:

no se trata de plasmar la cobertura lingüística sino las intenciones comunicativas que hay detrás de ella, teniendo en cuenta que cada lengua las expresa de una manera diferente y considerando las necesidades de los destinatarios y las características del encargo. La finalidad de la traducción puede cambiar según el encargo o el público al que va dirigida; el traductor adopta en cada caso métodos diferentes y llega a soluciones diferentes. (p. 41)

Como operação entre textos, a tradução não se situa no plano da língua e sim da fala, então não se traduzem unidades isoladas, descontextualizadas, e sim textos. Assim, o tradutor deve analisar os mecanismos de funcionamento textual (elementos de coesão e coerência, tipos e gêneros textuais) e ter presente que estes diferem em cada língua e cultura (p. 41).

Como atividade cognitiva de um sujeito tradutor, a tradução exige uma *competência tradutória* (ver Seção 4) e envolve um complexo processo mental que inicia com a compreensão subjetiva do *sentido* dos textos seguida da *reformulação* deste com os meios de outra língua, tendo em conta as necessidades do destinatário e a finalidade da tradução (p. 41). Assim, entende-se que o tradutor é, antes de tudo, um leitor especializado. “Se trata de interpretar primero (el texto, el contexto, la finalidad de la traducción), para comunicar después” (p. 41). Tanto na fase de compreensão como na de re-expressão, o tradutor precisa resolver possíveis problemas de cunho linguístico e extralinguístico a fim de que o texto-meta (TM) produza no destinatário o mesmo *efeito* que o texto original (TO) produziu no seu destinatário (p. 37).

Em síntese, a autora propõe a seguinte definição de tradução: “un proceso interpretativo y comunicativo consistente en la reformulación de un texto con los medios de otra lengua que se desarrolla en un contexto social y con una finalidad determinada” (p. 41). Com essa definição em

mente, passo imediatamente aos demais conceitos que intervêm nos exemplos de casos a serem analisados.

A competência tradutória

O grupo de pesquisa PACTE¹, da Universitat Autònoma de Barcelona, coordenado por Amparo Hurtado Albir, desenvolve uma investigação empírico-experimental sobre os componentes da competência tradutora, suas relações e a aquisição dessa competência na tradução escrita (HURTADO ALBIR, 2008: 394). O PACTE define a competência tradutória como “o sistema subjacente de conocimientos, habilidades, destrezas y actitudes necesarios para traducir” (HURTADO ALBIR, 2008: 394). Para o PACTE (2011), a competência tradutória (a) pertence a uma área de conhecimento especializado, uma vez que não são todos os bilíngues que a possuem; (b) é um conhecimento predominantemente procedimental (operativo); (c) abrange diferentes subcompetências inter-relacionadas; e (d) inclui um componente estratégico de particular importância.

Após um primeiro modelo holístico e dinâmico da competência tradutora proposto em 1998, o PACTE apresenta, em 2003, um novo modelo (Fig. 1), composto de cinco subcompetências, além de componentes psicofisiológicos. Vejamos resumidamente a caracterização de cada uma deles, conforme o PACTE (2011):

- *Subcompetência bilíngue*: conhecimentos predominantemente procedimentais requeridos para a comunicação em duas línguas. Inclui conhecimentos pragmáticos, sociolinguísticos, textuais, gramaticais e lexicais;

- *Subcompetência extralingüística*: conhecimentos predominantemente declarativos. Abrange conhecimentos sobre o mundo em geral e de áreas (temáticas) específicas, e conhecimentos biculturais e enciclopédicos;

- *Subcompetência de conhecimentos sobre a tradução*: conhecimentos predominantemente declarativos sobre a tradução e aspectos da profissão. Requer conhecimentos sobre o funcionamento da tradução e sobre o exercício da tradução profissional;

- *Subcompetência instrumental*: conhecimentos predominantemente procedimentais relacionados ao uso de fontes de documentação, e de tecnologias da informação e de comunicação aplicadas à tradução (dicionários de todos os tipos, enciclopédias,

¹ Proceso de Adquisición de la Competencia Traductora y Evaluación. Disponível em: <<http://grupsderecerca.uab.cat/pacte/es>>.

gramáticas, livros sobre estilo, textos paralelos, *corpora* eletrônicos, ferramentas de busca, etc.);

- *Subcompetência estratégica*: conhecimentos procedimentais para garantir a eficiência do processo tradutório e resolver problemas encontrados. Serve para controlar o processo de tradução. Sua função é planejar o processo e dar continuidade ao projeto de tradução (escolha do método mais adequado); avaliar o processo e os resultados parciais obtidos em relação ao objetivo final; ativar as diferentes subcompetências e reparar eventuais deficiências; identificar problemas de tradução e adotar procedimentos para solucioná-los;

- *Componentes psicofisiológicos*: diferentes tipos de componentes cognitivos e atitudinais, tais como memória, percepção, atenção e emoção; aspectos atitudinais tais como curiosidade intelectual, perseverança, rigor, espírito crítico; e habilidades como criatividade, raciocínio lógico, análise e síntese, etc.

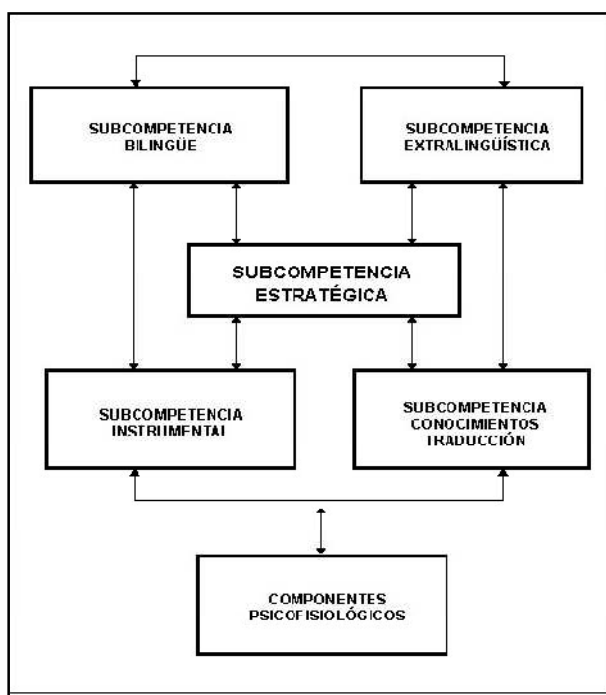


Figura 1. Modelo holístico da competência tradutora do PACTE (2003)².

Bevilacqua (no prelo) bem observa que o modelo do PACTE (2003) está de acordo com a definição de tradução de Hurtado Albir (2008), a qual destaca o caráter não linear da tradução como processo. “Como proceso no es lineal, sino que implica un ir y venir entre las distintas subcompetencias, un hacer y rehacer constantes, lo que significa

² As fontes de todas as figuras encontram-se nas Referências.

avances, retrocesos y evaluaciones constantes hasta llegarse al producto final” (BEVILACQUA, no prelo).

Os limites da fidelidade e a autonomia do tradutor

Hurtado Albir (2008: 202) propõe o princípio de fidelidade ao **sentido**. Tal princípio concretiza-se em fidelidade ao que o emissor do TO *quis dizer*, aos mecanismos próprios da língua de chegada e ao destinatário da tradução. Além disso, três dimensões caracterizam e condicionam a fidelidade: a **subjetividade** (a necessária intervenção do sujeito tradutor), a **historicidade** (as repercussões do contexto sócio-histórico) e a **funcionalidade** (as implicações da tipologia textual, a língua e o meio de chegada, e a finalidade da tradução). Existem, pois, segundo a autora, diversas maneiras de ser *fiel* conforme o caso.

Já Aubert (1993) estende a dimensão da subjetividade a todos os participantes do ato tradutório, tanto na codificação como na decodificação das “mensagens efetivas” do emissor original e do tradutor, e questiona a exigência de fidelidade do tradutor ao que o autor *quis dizer*, a qual, segundo ele, não passa de uma tentativa. Assim, traz uma interessante discussão sobre os limites da fidelidade e a autonomia do tradutor. Aubert (1993: 73-74) postula que, numa interação comunicativa, há três tipos de mensagens: a **pretendida** (o que o emissor *quis dizer*, ou a *intenção comunicativa*), a **virtual** (que se compõe do conjunto de leituras possíveis a partir da expressão linguística em tela) e a **efetiva** (que se realiza na recepção, condicionada em parte pela expressão linguística, em parte pelo saber e pela *intenção receptiva* do interlocutor). Na tradução interlingual, conforme Aubert (1993: 74), o ato tradutório já parte da mensagem efetiva, pois o tradutor não tem acesso ao que o emissor pretendia dizer. Dessa forma,

Parece evidente que não se pode exigir uma fidelidade àquilo que é por definição inacessível: (...) a mensagem pretendida do emissor original. Mesmo a mensagem virtual não é diretamente acessível, mas apenas pela intermediação parcial do processo de decodificação. Assim, a matriz primária da fidelidade há de ser, por imposição dos fatos, a mensagem efetiva que o tradutor apreendeu enquanto um entre vários receptores do texto original, experiência individual e única, não-reproduzível por inteiro nem mesmo pelo próprio receptor-tradutor, em outro momento ou sob outras condições de recepção. (AUBERT, 1993: 74)

Para Aubert (1993: 75-76), o compromisso da fidelidade não se define somente na relação TO/tradutor: é de se esperar que o tradutor tenha um compromisso de fidelidade com a **imagem** que ele faz das expectativas, necessidades e possibilidades dos receptores finais. Assim,

as duas fidelidades – para com a mensagem efetiva e para com o destinatário vislumbrado – instituem a diversidade, que é a própria razão de ser da tradução.

Não fossem diversos os códigos, as culturas, os momentos históricos, os homens, não haveria motivo para se traduzir. Mas, não houvesse a *tentativa* da fidelidade, a busca sistemática e obstinada de atinar – ainda que em vão – com o que o autor original “quis dizer” e de encontrar meios de expressão para essa intenção comunicativa suposta, também não haveria tradução, diálogo, intertextualidade, intersubjetividade, mas, tão-somente, discursos diversos, cruzados, desconexos, mutuamente incompatíveis. (AUBERT, 1993: 76-77)

O autor conclui (p. 77) que a fidelidade na tradução se constitui e atinge sua plenitude no compromisso (instável) entre “um certo grau de **diversidade** e um certo grau de **identidade**”. Essa instabilidade é causada por pelo menos três fatores, sempre presentes no ato tradutório (p. 76):

- fatores vinculados aos participantes do ato tradutório (competência, intencionalidade, relação diacrônica com o TO e com os destinatários, etc.);
- fatores relacionados com o complexo código/referente ([dis]semelhanças entre a língua/cultura de partida e a língua/cultura de chegada);
- fatores derivados das funções do texto e do grau de identidade ou diversidade entre essas funções no contexto do ato tradutório e as funções – supostas, implícitas ou explicitadas – que presidiram à geração do TO.

Os aspectos envolvidos nessa concepção de fidelidade justificam, segundo Aubert (1993), tanto a inviabilidade do apagamento do tradutor como produtor de texto quanto a necessidade de certo “grau de autonomia” diante das exigências – linguísticas, culturais, sociais, comunicativas, subjetivas – conflitantes colocadas à tradução. “O tradutor, longe de ser um médium passivo para a manifestação do Autor e do texto de partida, terá de tomar decisões nos diversos níveis: comunicativo, linguístico, técnico. É, portanto e inevitavelmente, agente, elemento ativo, produtor de texto, de discurso” (p. 80). Assim, mesmo que o tradutor *tente* autoapagar-se, mediante o “persistente esforço de colocar-se ‘no lugar do outro’”, o texto traduzido trará as marcas dessa opção pessoal. Sobre a autonomia do tradutor e da tradução, Aubert (1993: 84-85) argumenta que

o tradutor (...) exerce o papel de responsável pela ligação entre os diversos requisitos, como administrador dos conflitos, gerenciando e negociando, passo a passo, as soluções e os compromissos possíveis. O tradutor somente

poderá desincumbir-se de sua tarefa se dispuser de um grau de autonomia e livre-arbítrio diante dos interesses conflitantes e contraditórios suficiente para assegurar uma elaboração consistente de seu texto, produto este também, e necessariamente, autônomo.

Apesar da importância da noção de fidelidade ao longo da história da Tradutologia, muitos teóricos foram preterindo-a e passando a adotar outras, tais como lealdade, equivalência, adequação, adaptação, entre outras.

A noção de equivalência tradutória

Associada às concepções que se tenham de tradução e de fidelidade, está a noção de equivalência tradutória, uma das mais controversas e dúbias nos estudos de tradução. Sem a pretensão de esgotar essa questão, trago aqui algumas concepções que, entendo, se complementam. Começo por Pym (2011: 21), para quem “el paradigma de la equivalencia era y sigue siendo mucho más rico de lo que sugieren [los] rechazos simplistas”.

En líneas generales, la equivalencia presupone que un texto de origen y un texto de llegada pueden tener el **mismo valor a cierto nivel y respecto a ciertos fragmentos**, y que este valor se puede expresar de más de un modo (...). Es más, la incorporación de este supuesto valor compartido es lo que diferencia a una traducción del resto de textos posibles. Dentro de ese paradigma, hablar de traducciones diferentes implica hablar de distintos tipos de equivalencia. (Grifo meu.)

O autor acrescenta que esse valor compartilhado encontra-se às vezes no nível formal, às vezes no nível referencial e outras no nível funcional (p. 23); e que é a equivalência que distingue a tradução de outras modalidades de comunicação entre línguas (reescrita, comentário, resumo, paródia, etc.) (p. 29).

Como exemplo de equivalência no **nível formal**, cito o famoso ditado americano “*No pain, no gain*”, que poderia ser traduzido para o português como “*Sem sacrifício, sem benefício*”³, preservando-se o mesmo número de palavras, o paralelismo sintático e a rima. Outro belo exemplo é o título da obra infanto-juvenil *O Menino Maluquinho*, de Ziraldo (1991), traduzido para o espanhol como *El Pibe Piola* (Fig. 2).

³ Agradeço à professora e tradutora Patrícia Reuillard por essa valiosa sugestão de equivalente para esse ditado, muito empregado em livros-texto na área de Treinamento de Força, na qual traduzo.



Figura 2. Versão em espanhol do livro *O Menino Maluquinho*, de Ziraldo.

Além do mesmo número de palavras, o equivalente mantém a aliteração, ainda que de outro fonema (P). Nesses dois exemplos, para além da forma, foi mantido também o mesmo efeito de sentido do original, ou seja, os textos “funcionam” de forma equivalente nas duas culturas. A equivalência formal aqui não descarta, pois, a funcional.

No **nível referencial**, Pym (2011: 23) cita o exemplo dos dias da semana: sexta-feira é sempre o dia anterior a sábado. Nesse nível também se encaixa o conhecido exemplo da instituição Young Men’s Christian Association (YMCA), que no Brasil recebeu oficialmente o nome de Associação Cristã de Moços (ACM). No **nível funcional**, cito um caso traduzido por mim em um livro sobre Nutrição Desportiva (CLARK, 2009: 40). A autora recomendava o consumo de carnes magras e sugeria seis cortes de carne bovina: *eye of round*, *rump roast*, *sirloin tip*, *flank steak*, *top round* e *tenderloin*. Ocorre que os “desenhos” dos cortes de carne bovina nos Estados Unidos não correspondem aos praticados no Brasil, ou seja, a carne é cortada em pontos diferentes no animal nos dois países (OLIVEIRA, CRUZ e SAINZ, 2010; Figuras 3 e 4); assim, não havia simetria referencial. Some-se a isso o fato de haver variantes diatópicas dos nomes dos cortes no Brasil. Após a consulta sem sucesso a vários dicionários e glossários terminológicos, já que alguns termos em inglês não foram encontrados, e os equivalentes oferecidos eram discrepantes nas diferentes obras, a solução encontrada foi a equivalência funcional: seis cortes de carne bovina considerados magros no Brasil (lagarto, alcatra, patinho, bife do vazio, coxão de dentro e filé *mignon*), de acordo com *sites* especializados no assunto.

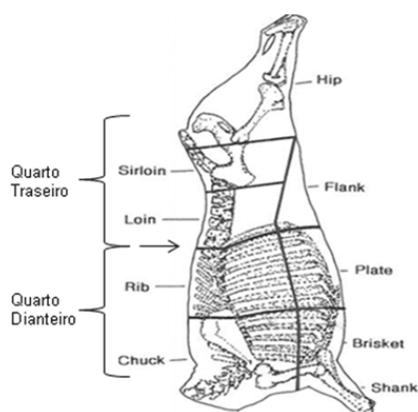


Figura 3. Divisão da carcaça americana

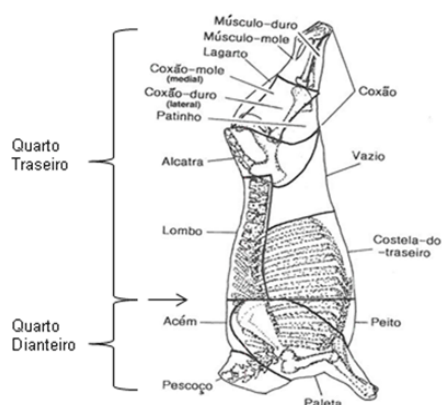


Figura 4. Divisão da carcaça brasileira

Nord (2009) considera que tanto o “conceito de equivalência tradicional” como o que chama de “conceito funcionalista radical” são

insuficientes, e propõe um meio-termo entre eles. Segundo a autora, no primeiro a equivalência “es un concepto estático, que describe, refiriéndose al resultado del proceso traslativo, la relación entre dos textos (o, en rangos inferiores, dos palabras, frases, estructuras sintácticas, etc.) que tienen ‘el mismo valor comunicativo’” (p. 218). Nesse contexto, segundo Nord (2009), valor refere-se a significado, conotações ou efeito comunicativo (p. 218), e falta considerar “la situación y los receptores meta, cuyo legítimo interés es obtener un texto que les ‘sirva’ para algo, que sea comprensible y que ‘funcione’ en una comunicación que se desarrolla bajo las condiciones de la cultura meta” (p. 219).

O conceito funcionalista, de acordo com Nord (2009: 18), tem por base a **teoria do escopo** (finalidade ou propósito pretendido), na qual “EQUIVALENCIA significa ADECUACIÓN a un escopo específico que exige que el texto meta cumpla las mismas funciones comunicativas que el texto base”. Assim, o conceito de equivalência fica reduzido à **equivalência funcional** e em **nível textual** (e não no plano do sistema da língua). Segundo a autora (p. 19), o princípio fundamental dessa teoria é que o objetivo comunicativo determina os métodos “traslativos”. O problema antevisto por ela aqui é que “en una aplicación radical del concepto funcionalista se justificaría cualquier objetivo para la traducción de un determinado texto base”, dentro da ideia de que “os fins justificam os meios”. Então, para Nord (2009: 219), nessa noção fica faltando

el respeto a los otros participantes de la interacción traslativa: **al autor** del texto original y a su legítimo interés de no ver tergiversada su intencionalidad comunicativa aunque vaya dirigida ahora a unos lectores ajenos a los que tenía ante sí al redactar el texto original, **a los receptores** que tienen una determinada expectativa acerca de lo que es una traducción en su cultura, **al cliente**, que confía en que el traductor le entregue un texto que cumpla las funciones comunicativas deseadas, y **a sí mismo**, a su conciencia, su ética profesional.

Sem apresentar uma definição de equivalência, Nord (2009: 219) combina esses dois conceitos citados e estabelece como princípios norteadores da tradução a **funcionalidade**, ou seja, a idoneidade do texto para um determinado fim; e a **lealdade** isto é, o respeito às intenções e expectativas das pessoas envolvidas no “ato traslativo”. Veja-se que lealdade é um novo conceito introduzido pela autora, que levanta a possibilidade de negociação do encargo da tradução:

Lealtad no significa que el traductor siempre haga lo que esperan los otros, sino que negocie el encargo con el cliente (si va en contra de su lealtad con los receptores) o que explique y justifique sus estrategias traductorales a los receptores del texto meta, si son distintas de las que esperan ellos. (NORD, 2009: 219)

Hurtado Albir (2008: 212) adverte que as classificações de equivalência que se baseiam única e estritamente em critérios de diferença linguística tratam da equivalência entre línguas e não da equivalência tradutória. Pondera, ainda, que, para além do termo *equivalência*, há de prevalecer a caracterização que se outorgue à noção, a qual deve ser flexível e dinâmica.

Pensamos que hay que partir de una **caracterización flexible y dinámica** de la equivalencia traductora considerándola como un concepto relacional entre la traducción y el texto original que define la existencia de un vínculo entre ambos; esta relación se establece siempre en función de la **situación comunicativa** (receptor, finalidad de la traducción) y del **contexto sociohistórico** en el que se desarrolla el acto traductor, y, por consiguiente, tiene un **carácter relativo, dinámico y funcional**. (HURTADO ALBIR, 2008: 209, grifos meus)

Essa brevíssima revisão mostra que as diferentes concepções de equivalência apresentadas por Pym (2011), Nord (2009) e Hurtado Albir (2008) não se anulam mutuamente; ao contrário, se complementam e merecem ser consideradas no processo tradutório. Todas elas destacam a equivalência em nível funcional, enfocada neste estudo, que pressupõe o reconhecimento das diferentes funções que um texto pode ter. São essas funções que resumimos a seguir, atreladas à noção de “unidades de tradução funcionais”.

As funções textuais e as unidades de tradução funcionais

Nord (1998: 71), para quem a função comunicativa é o critério essencial para toda tradução, distingue quatro funções textuais básicas com suas respectivas subfunções:

- **Função referencial:** a função de referir-se às coisas e fenômenos do mundo. Subfunções: informativa, metalinguística, instrutiva, didática, etc.;
- **Função expressiva:** a função de expressar uma atitude ou emoções frente às coisas e aos fenômenos do mundo. Subfunções: avaliativa, emotiva, irônica, etc.;
- **Função apelativa:** a função de apelar à suscetibilidade, às experiências, aos conhecimentos prévios, etc. do receptor, movendo-o a reagir de alguma maneira. Subfunções: ilustrativa, persuasiva, imperativa, pedagógica, publicitária, etc.;
- **Função fática:** a função de estabelecer, manter ou terminar o contato social entre emissor e receptor. Subfunções:

cumprimentos/despedidas, introdução temática, estabelecimento da relação social entre os comunicadores, etc.

A autora (p. 71-72) salienta que raramente um texto é monofuncional; em geral, ele é pensado para várias (sub)funções comunicativas ao mesmo tempo, relacionadas de modo hierárquico. No entanto, essa hierarquização precisa ser interpretada, portanto pode diferir tanto entre emissor e receptor, como entre receptores, seja na comunicação intercultural ou na intracultural. Nos diferentes gêneros textuais, é comum uma função estar a serviço de outra, e é a situação comunicativa que oferece os indicadores da “verdadeira” função primária.

Para indicar ao receptor a função comunicativa de um texto, um autor utiliza determinados meios linguísticos, que Nord (2008: 69-70) denomina **indicadores funcionais** e que são específicos da língua e da cultura em questão. Dependendo do nível linguístico (texto, frase, palavra, morfema), os indicadores podem ser macroestruturais, sintáticos, lexicais, prosódicos ou morfológicos. Todos os indicadores que marcam uma (sub)função comunicativa formam, no âmbito da tradução funcional, uma **unidade de tradução funcional** (doravante UTF). Para a autora (p. 70), isso significa que:

- en la fase de comprensión se interpretan los indicadores funcionales del texto original y se seleccionan aquéllos que, siguiendo las instrucciones del encargo de traducción, se consideran relevantes para el funcionamiento del texto meta;
- aunque las funciones comunicativas pueden ser universales o al menos supraculturales, parece lógico que el uso de indicadores funcionales obedezca a tradiciones y convenciones específicas en cada cultura; por ello, puede ocurrir que, a pesar de su forma similar o incluso idéntica, ciertos indicadores funcionales marquen distintas funcionalidades en dos culturas, y viceversa: indicadores distintos pueden señalar la misma función;
- después de aislar las unidades funcionales del texto original relevantes para la función del texto meta, el traductor decide si se pueden emplear como tales para cumplir las funciones deseadas del texto meta o si hay que adaptarlas a las convenciones y normas comunicativas vigentes en la cultura meta.

Nord (2008: 69) toma essas UTF como unidades verticais e não sequenciais: “Es como si al mirar el texto a vista de pájaro descubriéramos cadenas o incluso redes de relaciones entre los diferentes elementos lingüísticos que tienen la misma función comunicativa”. A análise de UT funcionais em vez de estruturais têm, conforme Nord (2008: 76), várias vantagens:

1^a) permite conceber o texto como uma entidade complexa em que todos os componentes cooperam para cumprir os fins comunicativos

desejados. Assim, a UT na verdade é o texto; no entanto o tradutor pode processar unidades mais manejáveis;

2ª) a correlação entre as unidades funcionais e as funções textuais permite resolver a ambiguidade dos elementos polifuncionais; e o tradutor pode empregar, se necessário, procedimentos traslativos diferentes para cada função do mesmo elemento linguístico. Cito como exemplo um caso não de ambiguidade mas de funções diferentes do mesmo elemento. Numa passagem de um livro americano sobre condicionamento físico, os autores usaram o exemplo de um esporte de equipe (*lacrosse*) apenas para ilustrar a sensação fisiológica pós-partida. Considerando que, (a) na época, o *lacrosse* não era muito popular nem nos Estados Unidos muito menos no Brasil, (b) não havia nenhuma descrição do esporte, (c) ele foi mencionado somente naquela curta frase de exemplo, e (d) o foco dos autores era a sensação fisiológica e não a modalidade esportiva em si, optei novamente por um equivalente funcional, o hóquei, que é um esporte também de equipe, semelhante (usa taco), e à época com uma popularidade no Brasil maior que a do *lacrosse*. Meu propósito (e dos autores) era que os leitores pudessem compreender a sensação fisiológica em questão sem grande dificuldade. Na ocasião, por lealdade ao encargo de tradução, foi preciso redigir uma nota explicativa à editora, para que minha estratégia não fosse interpretada como erro. Em outras situações, em que o foco era o esporte *lacrosse*, o equivalente foi referencial, e mantive o nome *lacrosse*.

3ª) Se vários meios linguísticos são empregados para se obter o mesmo fim comunicativo, não é preciso traduzir numericamente, reproduzindo os elementos um por um. Conforme Nord (2008: 70), o tradutor pode decidir se, por exemplo, em vez de sete indicadores de ironia no TO utiliza seis – ou oito – no TM, reproduzindo um marcador mais forte na língua do original por dois menos fortes na língua-meta ou vice-versa. Cito outro exemplo. Certa vez, num evento sobre tradução, a escritora e tradutora Lya Luft relatou que, na tradução que fez de um romance, numa lista de seis ou sete frutas silvestres (as famosas *berries* do inglês), decidiu omitir uma delas, que era pouco conhecida no Brasil. Também no caso narrado dos cortes de carne (Seção 6), o importante era respeitar o propósito (explícito) da autora do livro de recomendar aos atletas os cortes mais magros, por isso a opção foi a equivalência funcional, adequando (ou adaptando) os cortes à realidade brasileira. De acordo com Nord (2008: 76),

Siguiendo una estrategia así, ya no es preciso hablar de «intraducibilidad» refiriéndose a ciertos fenómenos textuales (como, por ejemplo, los juegos de palabras), ya que muchas veces pueden «traducirse» por otro fenómeno que obtiene la misma función igualmente bien o quizás mejor —porque el efecto de un juego de palabras mal traducido es muchas veces peor que el de un juego de palabras sustituido por otra formulación quizás menos ingeniosa pero más natural. (p. 69)

Enfim, o tradutor, em vez de fixar-se exclusivamente nos elementos linguísticos concretos do texto de partida, deve focar as funções comunicativas e as do texto com vistas a alcançar mais naturalidade e funcionalidade.

Finalmente, passo a relatar e discutir a seguir as estratégias de tradução que levaram à solução do “caso *kettlebell*”. A ideia é fazer uma autocrítica e convidar a um debate em torno da eficácia ou ineficácia do equivalente encontrado.

O caso *kettlebell*

A tradução da obra de Chandler & Brown (2009), que recebeu o título *Treinamento de força para o desempenho humano*, iniciou em 2008. Trata-se de um livro-texto destinado a estudantes e profissionais da área de Educação Física. Devido ao extenso número de páginas (488) e ao reduzido tempo estipulado pra tradução (5 meses), o trabalho foi dividido entre quatro tradutores, sendo um deles também supervisor e revisor técnico, pelo fato de ser especialista na matéria. O Capítulo 19, *Treinamento com Acessórios*, ficou a meu encargo.

Na época, os *kettlebells* (Figs. 6-10 e 15) eram acessórios desconhecidos por grande parte das academias brasileiras, que nem sequer conheciam essa palavra. Cientes disso, os autores do livro fizeram a seguinte observação, seguida de uma descrição:

Kettlebells

The sport of kettlebell lifting originated in Russia in the mid-19th century. Although not new, kettlebells are still unique in the United States, although they are growing in popularity. Kettlebells have been described as looking like black bowling balls with a suitcase handle attached; they normally weigh between 35 and 100 lb. (CHANDLER & BROWN, 2008: 430)

Na Figura 5, têm-se o texto final traduzido desse trecho e a nota de tradução, uma das poucas em todo o livro. Observe-se que, no primeiro parágrafo, a opção foi o decalque de *kettlebell*, para introduzir primeiramente o termo original. A partir do segundo parágrafo, passou-se a usar *estribo*.

Minha primeira medida ao ver as figuras desse acessório, até então desconhecido por mim, no TO, foi buscar uma imagem mais nítida, uma vez que o “original” que me foi entregue tratava-se de uma cópia xerográfica. As figuras originais, que já eram em escala de cinza (Fig. 6),

foram copiadas e estavam escuras. Fiz, então, uma busca no Google Imagens⁴.

Estribos*

O esporte de levantamento de *kettlebells* originou-se na Rússia, na metade do século XIX. Embora não sejam novos, os *kettlebells* ainda são únicos nos Estados Unidos, apesar de estarem crescendo em popularidade. Os *kettlebells* têm sido descritos como semelhantes a bolas de boliche pretas, com uma alça de mala fixada às mesmas; elas normalmente pesam entre 15,9 a 45,4 kg.

Embora os exercícios normalmente executados com estribos também possam ser executados com halteres, os estribos oferecem algumas diferenças singulares. A primeira delas é que o local de empunhadura desse acessório é muito mais espesso do que o de um haltere, o que torna a pegada mais difícil. Isso pode ser um desafio para a força de pegada de um atleta. A segunda é que a

* N. de T.: Por não haver tradução conhecida do termo *kettlebells*, os tradutores, aqui, optaram por traduzir o termo como estribo devido à semelhança entre esses acessórios.

Figura 5. Tradução da observação e da descrição de *kettlebell* feitas pelos autores, e nota de tradução da equipe de tradutores.

Na época (ano de 2008), a quantidade de fotografias resultantes foi bem menor do que a encontrada hoje, justamente porque agora os *kettlebells* já são mais conhecidos no mundo todo. Recordo que, nas imagens geradas, os *kettlebells* tinham diferentes formatos; não só o mais rústico, descrito pelos autores como “semelhantes a bolas de boliche pretas”. Pretos, multicoloridos ou metálicos, havia – e ainda há – modelos mais achatados (Fig. 7), com discos ajustáveis (Fig. 8), entre outras versões não redondas (Fig. 9 e 10).

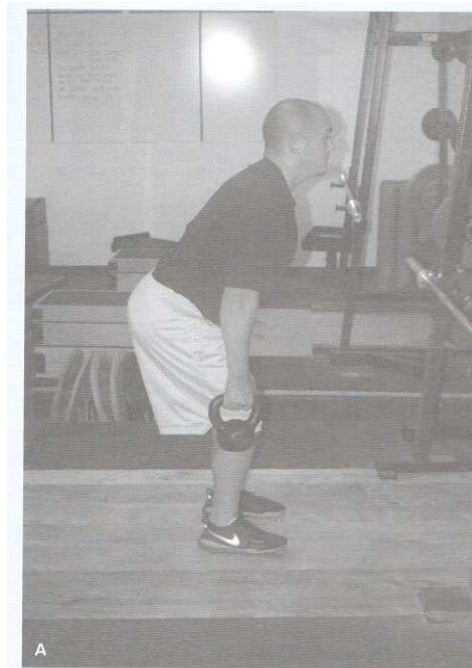


FIGURA 19.3 Arranque com os pés alternados, com estribos.

Figura 6. Uma das figuras com *kettlebells* oferecidas no livro.

⁴ Acesso em: <<http://www.google.com.br/imghp?hl=pt-PT>>.



Figura 7



Figura 8



Figura 9



Figura 10

Alguns desses modelos remeteram-me, naquele momento, à imagem de estribos (para cavaleiros, Figs. 11-14), semelhança que me pareceu confirmar-se em nova busca no Google Imagens. Comparem-se as figuras:



Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14



Figura 15

Não encontrando a palavra *kettlebell* em nenhum dicionário, tentei encontrar um equivalente unindo o significado das duas palavras que a formam – *kettle* e *bell* – o que resultou, literalmente, em “sino/campânula em forma de chaleira”. Obviamente, nada razoável. Hoje, com a maior popularização desse acessório para treinamento de força, penso que *chaleira* seria um melhor equivalente, digamos, “imagético”, pois os modelos mais utilizados atualmente se assemelham a uma (Fig. 15). Ainda assim, fica a dúvida em relação à sua aceitação por parte dos leitores. Enfim, *estribo* foi a solução que me ocorreu naquelas circunstâncias; e, em consenso com a equipe de tradutores, incluindo o revisor técnico, a mesma foi aprovada, juntamente com a decisão de redigir uma nota de tradução, por lealdade aos leitores, justificando nossa opção: “Por não haver tradução conhecida do termo *kettlebells*, os tradutores, aqui, optaram por traduzir o termo como estribo devido à semelhança entre esses acessórios” (Fig. 4). Tal solução foi respeitada pela editora.

O decalque do termo em inglês não me pareceu, na época, fazer nenhum sentido, ainda mais que ela era repetida várias vezes no texto. Ela

simplesmente me soava estranha, intrusa. Ironicamente, passados cinco anos, as pessoas só se referem a esse acessório como *kettlebell*, da mesma forma que mantêm em inglês o nome de alguns exercícios, tais como *leg press*, *jogging*, *jump*, *pump*, *spinning*, *step*, entre tantos outros. Provavelmente esse fenômeno se deva ao domínio da língua inglesa na comunicação globalizada na área de Educação Física – e em outras. Por esse motivo, não saberia dizer se a reação daquele leitor de minha “história” (e talvez de outros) teria sido de menor resistência se tivéssemos optado por *chaleira*, ou se teria sido a mesma.

Considerações finais

Hoje, com o distanciamento necessário do “caso *kettlebell*”, entendo que a crítica daquele leitor, mais do que legítima, reforça que a terminologia de qualquer área deve originar-se das convenções de uso real dos seus falantes. Possivelmente, a origem do desconforto que a solução encontrada gerou no leitor tenha sido a distância de tempo entre a tradução e a aquisição do livro. Em 2008, quando o livro foi traduzido, ainda não havia uma convenção de uso do termo *kettlebell* no Brasil, simplesmente porque este era ainda quase desconhecido no cenário das academias; já quando o livro foi adquirido, o termo já estava consolidado *em inglês*. Concluo, então, que se houvesse uma nova edição daquele livro, a melhor opção de tradução na atualidade seria manter o termo em inglês. Essa experiência ilustra a importância da historicidade na tradução.

Outra dimensão que se salienta é a subjetividade, marcada, entre outros fatores, pelas diferentes expectativas dos receptores. Tendo isso em mente, conforme Nord (1994: 99), um dos principais fatores que determinam o objetivo de uma tradução é o destinatário do TM. Dessa forma, no modelo funcionalista da tradução, segundo a autora, o foco não é mais o TO e sim o TM e a situação comunicativa em que este vai funcionar e que é, por definição, outra que a do TO.

Las diferencias están tanto en las expectativas que tienen los receptores como en los modelos de realidad y los conocimientos previos de que disponen, la perspectiva que adoptan frente a las cosas y fenómenos del mundo y en las convenciones y normas vigentes en la comunidad cultural a que pertenecen, etc. (NORD, 1994: 99)

Em decorrência desses diferentes fatores, o produto da tradução é constantemente submetido a julgamentos, inclusive e principalmente os do próprio tradutor, e este deve estar preparado para justificar suas estratégias com base na teoria e para lidar com eventuais incompreensões e frustrações. Bom seria se, na avaliação do TM, os receptores pudessem levar em conta todos os aspectos da árdua tarefa de traduzir, mas esse

raramente é o caso. Nesse sentido, vale recorrer às palavras de Aubert (1993: 85) sobre a autonomia e a função do tradutor diante dos interesses conflitantes e contraditórios com os quais frequentemente se depara:

(...) a sua função se assemelha não à de um moço de recados e sim à de um árbitro e, como este, busca, tanto quanto possível, o entendimento, o acordo extrajudicial entre as partes. E é com base na solução global elaborada, é no quadro geral da conciliação proposta, tanto quanto ou mais do que nos detalhes pinçados a esmo em seu texto, que a sua atuação pode ser avaliada.

Referências

Figuras (acesso em março de 2014):

Fig. 1: BEVILACQUA (no prelo). (Referência abaixo)

Fig. 2:

<<http://content.lsf.com.ar/getcover.ashx?ISBN=9789500410411&size=3&coverNumber=1>>

Fig. 3 e 4: OLIVEIRA, CRUZ e SANZ, 2010. (Referência completa abaixo)

Fig. 5 e 6: CHANDLER & BROWN, 2009: 454; 459. (Referência completa abaixo)

Fig. 7: <<http://www.blackironstrength.com/zencart/images/Kettlebell-Large-front.jpg>>

Fig 8:

<http://comprafacil.com.br/images/400/PRETORIAN_Kettlebell_Ajustavel_519841_1_400.jpg>

Fig. 9: <https://encrypted-tbn3.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQnVrxKLjN1iQleNIEITaukNTlq_N1vncAojnTDXyVup0g3-FujQ>

Fig. 10: <https://encrypted-tbn1.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTIOgT3cYUD4qdtwq6hyEez_rpQekZWDCPiUjauVmnaWojLftsqA>

Fig. 11: <<https://encrypted-tbn3.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRKVL23bzG3TME0QvQSYDyOP5dq8s1ZNG0ZKDBBjgUSzAhovatJTW>>

Fig. 12: <<https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRZXeZGMyaCOPcKbFsOaqCAOKI85H5M0rvALt8wvb3Wzb2m3913ag>>

Fig. 13:

https://www.selariaguiricema.com.br/img_sistemas/ecommerce/img_produtos/1461/foto_0_333164_estribo%20inox.jpg

Fig. 14:

<http://www.cavalocowboy.com.br/lojaonline/config/imagens_conteudo/produtos/imagensGGG/GGG_844_estribo_plastico_sem_gaiola_preto.jpg>

Fig. 15: <<http://storage.canoe.ca/v1/blogs-prod-photos/b/8/2/8/3/b82831c1693dede45b1bb73980ead3a1.jpg?stmp=1265866640>>

Obras:

- AUBERT, Francis. *As (in)fidelidades da tradução*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.
- BEVILACQUA, Cleci Regina (no prelo). Traducción, terminología y fraseología especializada: relaciones necesarias para la adquisición de la competencia traductora. Colegio de Traductores Públicos de la Ciudad de Buenos Aires.
- CHANDLER, T. Jeff; BROWN, Lee E. *Treinamento de força para o desempenho humano*. Trad. Márcia Dornelles et al. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- CHANDLER, T. Jeff; BROWN, Lee E. *Conditioning for strength and human performance*. Baltimore; Philadelphia (USA): Wolters Kluwer Health; Lippincott Williams & Wilkins, 2008.
- CLARK, Nancy. *Guia de nutrição desportiva*. 4. ed. Trad. Márcia Dornelles. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- HURTADO ALBIR, Amparo. *Traducción y traductología: introducción a la traductología*. 4. ed. Madrid: Cátedra, 2008.
- NORD, Christiane. El funcionalismo en la enseñanza de traducción. *Mutatis Mutandis*, v. 2, n. 2, p. 209-243, 2009. Disponível em: <<http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/mutatismutandis/article/view/2397/2080>>. Acesso em 06 mar. 2014.
- _____. La unidad de traducción en el enfoque funcionalista (1998). *Quaderns – Revista de traducció*, Bellaterra, Universitat Autònoma de Barcelona, Departament de Traducció i d'Interpretació, n. 1, p. 65-77, 1998. Disponível em: <<http://ddd.uab.es/pub/quaderns/11385790n1p65.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2014.
- _____. Traduciendo funciones. In: HURTADO ALBIR, Amparo (Ed.): *Estudis sobre la traducció*. Castelló: Universitat Jaume I, 1994. p. 97-112.
- OLIVEIRA, Juliano Augusto de; CRUZ, Gustavo; SAINZ, Roberto. Entendendo as diferenças dos cortes de carne bovina nos EUA e Brasil. *BeefPoint*, 2010. Disponível em: <<http://www.beefpoint.com.br/radares-tecnicos/qualidade-da-carne/entendendo-as-diferencas-dos-cortes-de-carne-bovina-nos-eua-e-brasil-59837/>>. Acesso em 08 mar. 2014.
- PACTE. Building a translation competence model. In: ALVES, Fábio (Ed.) *Triangulating translation: perspectives in process oriented research*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 43-66. Disponível em: <http://grupsderecerca.uab.cat/pacte/sites/grupsderecerca.uab.cat/pacte/files/2003_PACTE_Benjamins_0.pdf>. Acesso em 15 mar. 2014.
- PACTE. Results of the validation of the PACTE translation competence model: translation problems and translation competence. In: *Methods and strategies of process research: integrative approaches in Translation Studies*. Amsterdam: John Benjamins, 2011. Disponível em: <<http://grupsderecerca.uab.cat/pacte/sites/grupsderecerca.uab.cat/pacte/files/P>

ACTE%202011_%20Validation%20TC%20Model.pdf>. Acesso em 15 mar. 2014.

PYM, Anthony. *Teorías contemporáneas de la traducción: materiales para un curso universitario*. Trad. Noelia Jiménez *et al.* Tarragona: Intercultural Studies Group, 2011.

REISS, Katharina. *Problématiques de la traduction*. Paris: Economica/Anthropos, 2009.

ZIRALDO. *El pibe piola*. Trad. Juan Forn. Buenos Aires: Emecé, 1991.